



«O meiro, eu conheci»
 «Replicando umas finas ironias»
 «Cantava, assobiava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapéu alto,»
 «Comendo alegremente, honradamente!»
 «Dão-me cabo de tudo estes ladrões!»
 «Como ele é meiro é sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO

António Leão-Martins, Augusto Serra e Costa,
 Júlio Meireles de Noronha, António Pinto de Caryalho.

Redacção e Administração: RUA NOVA DO COMÉRCIO, 99

Composto e impresso na Pap., Tip. e oficina de Enc. de F. José de Freitas, Toural, 128 e 129

Quinzenário humorístico e literário

Desculpas

—O mamã, mamã!

—Filhinha!

—Faça favor de chegar à janela e ver quem vem acolá...

—Ah! olha quem ele é! ah, o sr. Meiro! e como ele vem catita! de frack e qui-cô novo! Bravo! bravo! Ditosos olhos que o vêm.

—Cá está O Meiro, outra vez, minhas senhoras; cá estou eu outra vez, alegre e prazenteiro como sempre, a apresentar a Vossas Excelências a homenagem dos meus respeitos e a pedir mil perdões duma ausência tam prolongadamente involuntária.

Vossas Excelências já sabem, de certo? Não?! Pois foi como vou contar-lhes: uma terrível enfermidade obri-

gou-me a encarcerar a asa, perto de oito meses. Oito meses dum verdadeiro martírio, minhas senhoras. Vossas Excelências não calculam, não supoem, não fazem a mais pequenina ideia do quanto foi prolongado e doloroso o meu sofrer!

Ah! Oh!...

A ciência, a princípio, divergiu de opinião: uns diagnosticavam um volvo, um nózinho na tripa; outros uma apendicite, uma coisinha a mais. mas por fim houve acordo e todos acordaram numa unha encravada que me reteve no catre de dor sete meses e três dias!

Sete meses e três dias...

Felizmente a ciência

gêneros estão pela hora mais uma vez triunfou e devo dizer, para prestar culto à verdade que, não foram baldados os divelozos da minha santa enfermeira, que foi duma dedicação sem par.

Quanto devo à minha idolatrada melrazinha! Sim, se não fôra ela, se não fossem os seus cuidados e os seus carinhos, não me résta a menor dúvida de que teria batido o bute, ou melhor dizendo, a asa, e a esta santa hora, este creado de Vosselencias, este seu humilde servo, atento e venerador, jazeria «inerte, exanime, sereno num carcavão com silveiras em flor...»

A' ciência, pois, por me ter liberto das garras aduncas da morte, um estreito amplexo e com ele os meus sinceros agradecimentos; e a ela, ao meu doce bem, ao meu

amavel cherubim, à minha querida e dedicada companheira de tantos anos, um ósculo repenitadíssimo e os protestos sinceros duma fidelidade eterna e duma gratidão sem fim.

E as minhas gentilíssimas leitoras como tem passado durante a minha ausência? Bem, não é verdade? Já sei, já sei... é

Mas de que serve a abundância de pimenta se a vida continua de cada vez mais cara? Sim, o açúcar, as batatas, o arroz, o azeite e outros géneros estão pela hora da morte!

Até o bacalhauzinho, o nosso fiel amigo é só para os grandes; para os grandes homens, para os argentários, para os homens de massa, enfim.

Mas o que se há-de fazer?!

Esperar, não é assim?

Dizem que de hora a hora Deus melhora. Esperemos, pois. Enquanto Vossas Excelências esperam, eu não desespero de quinze em quinze dias, de vos vir dar os «Bons dias».

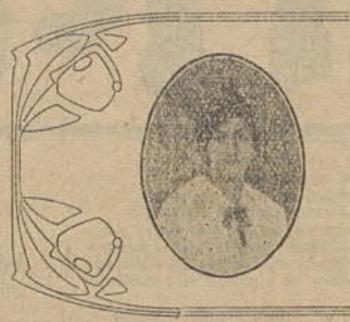
Começo hoje:

«Bons dias» minhas senhoras e meus senhores.

A REDACÇÃO.



◆◆◆ EM FOCO: ◆◆◆



A sua casa fica colocada numa comprida e humida rua que, tendo ao centro um religioso oratório, é designada com o nome dum illustre personagem que, na nossa História Pátria, representa a fidelidade lusa.

Ela tem, a nossa galante e interessante donzela, aproximadamente, vá lá! uns 15 anos. Bela idade!

Olhos profundamente escuros, cabelo artisticamente composto e refintamente da cor do azeviche.

No rosto perfeito e lindo—estilo moderno—denotam-se o elegante nariz aristocrático, recurvo, e os seus lábios de virgem, pequeninos que se sorriem a cada momento.

Filha dum dos mais elevados empregados públicos, ela, trajando airoosamente, desperta a atenção de quem a divisa.

Espirito inteligente, em cavaqueira familiar, com o seu abundante reportório de anedoctas, faz sorrir o ente mais melancólico que a ouve e escuta, faz rir seus pais, irmã e mai-l'ó o seu corpulento e robusto mano—perfil de Zé Povinho—que lhe é tam característico.

Vindo na companhia de S. Ex.^{ma} Família, de longinquas paragens, chegou a esta nobilíssima povoação, segundo nos diz o visinho da esquerda, pelo mez de Abril.

—Conhecem-na, ou não?

—Quem, João?

CÁ DO ESCRIPTÓRIO.



C Chico é bom rapaz, bom moço e bom filho de família. Embora seja P'reira, êle é instruído e, segundo rezam os livros, frequenta o estabelecimento superior de ensino, cá do burgo, onde tem obtido, pela sua inteligência, ótimas classificações...

Trajando sempre com gôsto, apresenta-se na nossa melhor sociedade illustre, decente e elegantemente bem posto, usando, às vezes, a respectiva e aromática essência de rosa ou violeta (êle lá escolhe!) e, por onde passa, exala bons perfumes.

Não muito cheio de corpo, pelo contrário, é franzino, quando atravessa as ruas de Guimarães num passo apressado, livros debaixo do braço, polainitos no caso, cumprimentando todas as senhoras que às janelas e sacadas apanha, o Chico, seguramente mais parece um lente que um acadêmico!

Amante de soirées, bailes, e mais danças macabras—as nossas damas chamam-lhe o nosso Chiquinho, e, cá no povoado, alguém o apelidára de—Chiquinho das Senhoras...

Dedicado à literatura, de vez em quando, nas gazetas, nós lêmos:—“...onde recitará, entre vários cavalheiros, o distincto diseur, Sr. Francisco de Tal e Tal... —Leitor amigo: olha para a fotografura e vê, se sim ou não, é êle.

CÁ DA CASA.

Cerrando os olhos



I

—Eu cá 'stou: e, na verdade,
Conhecido na cidade,
E, como bom cavalheiro
Dedico-me à poda e à vinha,
Na propriedade que é minha
Comprada co'o meu dinheiro.

II

—Eu cá 'stou: pareço ou não?
E' toda a minha paixão,
Como sabem, ter um *Timónio*
Ser *Ministro do Fomento*,
Num *Quimboio*, como o vento
Correr como o demónio.

III

Também se me não importava
E co'uma velha até casava
Mas que tivesse dinheiro...
A questão é que à dita
Embora velha—a maldita—
Adotasse o cavalheiro.

IV

Uma velha—oh que sarilho!
Que usasse até um 'spartilho
Que lhe apertasse o seu peito
'Stás a ver que ela morria
E, depois, eu ficaria
Um rico e belo *sugeito!*

V

De *Timónio*, o cavalheiro
Já rico, já brasileiro,
Pela poética estrada,
Ia até Braga tomar
Café de bom paladar
Ao se Viana, da Arcada.

VI

Poeticamente falando,
Ouvir o melro cantando
E empregando o meu *calão*;
Mais pareço um *se doutor*
Quando falo, com calor,
Numa importante sessão.

VII

E, se às meninas falo,
—P'ra mim é um belo regalo!—
Em amena cavaqueira:
E' porque eu gosto de ter
Tricaninhas a dizer:
«'Steja sempre à nossa beira».

VIII

—Eu cá 'stou: e, na verdade,
Conhecido na cidade
E de todos os leitores,
Feita esta apresentação
—Como passam? como vão?
Adeus, adeus meus senhores.

...DE VICO AMARELO.

Coisas novas e velhas, leves e pesadas

PROGRAMA:

Ser tão leve como um beijo
Será todo o meu desejo.
Porém, se alguém repunhar,
Lavera até rachar;
Cautela, muito cuidado...
De me voltar... sou passado

Caminhar para...

Agora, valentes, valentes pimpões, pimpões valentes, agora, agora sim monárquicos de figa e meia (sem ser d'azeviche) há liberdade... de pôr os pés na rua.

Podeis abrir as guelas secas e entoar o hino (sem ser da carta) quente das paixões...

Agora pimpões duma cana, ouzados como o Gama, podeis sair da toca e mostrar-vos arrogantes; podeis, novamente, inchar de impáfia sem receio de rebentardes, como o sapo da lenda...

A' unha! valentes, de cernelha...

Se não vai desta... vem o *caruncho*, o bichinho roedor... e adeus, tudo se vai.

Podeis conspirar que não comeis balas nem bebes água-raz; podeis à vontade intrigar, murmurar da vida pacata dos cidadãos inimigos políticos, propalar boatos, que não levais com o célebre gato de nove... caudas (termo mais delicado).

Ufa! já se respira.

Se há liberdade! Olé!

Votos, em nome dela e da fé católica já se pedem abertamente, em publico...

Fardas, as célebres fardas dos titulares chapeadas de oiro e brilhantes como lustres de igreja, já aparecem à luz do sol...

E mais, muito mais...

E tudo anda, tudo caminha, muitas esperanças e fanfarronadas, muitos espalhafatos ridículos, muito pregão baixo e muito pregoeiro tolo e, tudo anda mais e mais e os

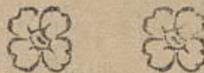
dias sucedem-se e o tempo passa, e tudo caminha... —para onde, senhor Guedes d'Oliveira? — para o abysmo, para o fundo.—

E' certo, é o nosso pensar.

Porém, todos empenhados, verdes e azues, em nome da liberdade, a encaminhar a pátria... —para onde, senhor Guedes? —... "para o fundo".

Uns na lua, outros azues, todos uns valentes...

AVA.



Resando oitavas:

1

Regressou, 'inda há pouco, do 'strangeiro,
Por onde andou, gosando, a viajar.

De lá trouxe um costume verdadeiro:

—A missão do *indígena irritar*.

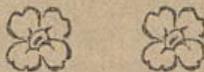
Se o védes montado no *bêqueiro*,

Ou com aquele *frak* a dar... a dar...

Não vos cause isto grande admiração,

Que tudo constitue irritação!

CAMÕES JUNIOR.



Relampagos

(P'ra rimar:)

—Quem é que com o seu andar apressado, parece que anda sempre à brocha?

E' o Agostinho...

—Quem é que por a sua corpulência parece que será capaz duma só vez agarrar vinte touros à unha?

E' o Zé...

—Quem é que está na farmácia, sempre em verso matufando?

E' o Poeta...

—A quem é que o Kaiser pedi para não ir para Angola porque então a luta seria medonha?

Foi ao Júlio...

—Quem é que de capa e batina continúa conquistando a isolina?

E' o António...

—Quem é que, no automovel, sempre gosta de andar a *nove*, mas qual quer dia fica feito numa posta?

E' o Alberto...

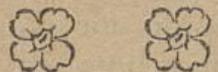
—Quem é que na sua motociclete é capaz de fazer coisas que ao diabo nunca lembraria?

E' o Zé...

—Quem é que quer que o seu nome vá para o cabeçalho da "Aurora Académica" para assim meter um figurão?

E' o Maluco do...

PAI-ADÃO.



AVISO

A todas as pessoas a quem gostosamente enviamos o nosso jornal, consideramos assinantes, enquanto que não nos devolvam o primeiro número, antes de darmos publicidade ao segundo, o que muito agradece a redacção.

Previnen-se os Srs. assinantes que, para efeito da cobrança, só são válidos os recibos que levem no verso o carimbo da casa comercial **WEGEL LOBATO**.

A Redacção.

Pelo monóculo do "sôr., doutor

O que se Observa:

Os novos poetas do "Comércio de Guimarães,,.

O irmão do "Londres,, com um risinho de escárnio para tudo isto.

O grande pagode, aos sábados, por causa do milho.

Sempre o terrível milho!...

As retumbantes poesias do autor do "Retalhos,,.

A sua musa é que precisa de ser retalhada!!...

A creche, no Liceu.

A paralisia da Sociedade M. Sarmento.

Desejamos pronto restabelecimento.

O Machadinho das medalhas com ar de importância.

Os guardiões ao Colégio do Campo da Feira.

Os calhaus de S. Paio.

A derrocada da Travessa do Monte Pio.

As amas sêcas, do Liceu.

Algns remos da "Galera,, partidos.

A ideia mesquinha de tentar restabelecer a monarquia vendendo coisinhas azuis e brancas.

A grande maluqueira duns certos cavaleiros, cá do burgo.

O inocente fatinho à maruja do menino "Assiú,, ao lado das calças à Chantili, e o competente monóculo do mesmo malucório.

O parto difícil que os nossos académicos tiveram.

A criancinha que se chama "Aurora,, tende voar à mansão celeste.

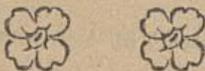
A noticia dada pelo "Dia,, quando o Tomasinho foi a Braga representar o sr. Moreira de Almeida.

Que êle era frei, já sabiamos, reverendo, isso é que não.

Mas nada de desânimos, que daqui a Papa, é um foguete; e então a "Alvorada,, terá o supremo gosto de dizer, em vez de "Toma... Tomaz,, a expressão mais terna de "Papa... Tomaz!,,.

A falta de judeus por esses paços.

As ruas centrais de Guimarães transformadas em velódromos.

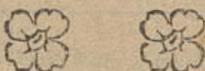


Plebiscistos de "O Melro

(Secção quinzenal)

O que é a mulher?

A todas as pessoas pedimos os seus pareceres, que serão publicados no próximo número do nosso jornal.



Falta de Camilo

O jornal das transcrições, dos sisudos reparos e das *altas galeirias*, diz que foi colossal (com dois ll reparem bem) a manifestação feita, em Braga, ao arcebispo das Espanhas.

Colossal com dois ll quer dizer, naturalmente, bi-colossal, muito grande.

Porêm, se lhe metesse quatro, exprimiria uma coisa super-grandiosa, só comparada ao Colosso (só com um l, pois vamos de vagar) de Rhodes.

E assim, só essa palavra exprimiria tudo:

Foi uma manifestação Colllllo-sal...

Mas isto de l a mais ou l a me-

nos não quer dizer nada, não é verdade?

A' bom Camilo.

..

O "Comércio de Guimarães,, o nosso impagavel "Comércio...,, do dia 23 de Março, como sempre, tentou matar a *gramática* que, coitadinha! não tem culpa.

Aí vai disto, ó povo:

"Se quiser, diga. Guimarães é uma terra monarquica por excelência: calçadas, edificios, estatuas, (letra pequena) Castelo, (letra grande) Povo, (idem) tudo, tudo falam (reparem) tudo falam a linguagem da Monarquia,,.

— Ora adeus!

Com que então as pedras a falar?

E as estátuas e os edificios também falam?

E o castelo, de pendão ao vento, a falar?

Quem fala às vezes, até demais, porque tem boca — é o povo,

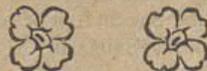
Sim, porque o povo fala e, às vezes, até canta.

Não se poderá, sr. Machadinho, conseguir que falem os peixes, as pombas e os melros, os gatos e os porcos, as hervas o o mato?

Veja se conseguirá; um pouco de sacrificio, vá.

E depois, logo abaixo, sem dó nem piedade, aplica mais uma tremenda facada na pobre da *gramática* que bem furada está...

EU.



O MELRO encontra-se à venda, no Kiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

Hino dos Pirângulas

Pessôa amiga, muito mestiriosamente nos enviou a letra do hino Piranguleiro.

Segundo se depreende, pela leitura do mesmo, e, que passamos a registar nas nossas colunas, as casas bacanicas passarão a ter mais concorrência. Informa-nos pessôa autorisada que o club, Pirangulescamente falando, conta na lista dos associados—3:335 e pico.

Certamente que não fica só por aqui: tende a engrossar. *Ele ha tantos... oh! se há!*

Glória a Baco, glória a Baco!
Glória ao nosso deus do Caco!
Glória ao deus da Folia!
Ao deus do belo Verdasco—
O deus—em que eu me enrasco—
Deus pagã! deus da Orgia!

CÓPO

Dos Pirang'las nós somos
Sócios da Reinação:
Rir, cantar e beber...
Eis a nossa obrigação.

Glória e triunfo ao deus,
Memória dos filhos teus,
Glória ao Pai, ao nosso Baco;
Seremos embora ateus,
Os mais infames judeus
Que teem por capela, um fasco.

Dos Pirâng'las nós somos, etc.

Glória ao deus Imortal,
Triunfo ao deus Bacanal,
Ao deus que sai da Torneira:
Deus do Bem, jámais do Mal,
Rei das terras de Portugal,
Deus da Parra e da Videira.

Dos Pirâng'las nós somos, etc.

Glória ao deus do Amor,
Glória ao deus Tentador
Do vinho, bom mais da borra:

Glória ao nosso Protector,
A si, o nosso fervor,
Deus do copo e da pitorra.

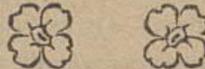
Dos Pirâng'las nós somos, etc.

Deus do nosso Tabernaculo,
Sábua inspiração de Oráculo,
Deus de milhões de fieis:
Deus que nos manda canadas
Que, vivendo nas Latadas,
Nos dá pipas e funeis.

Dos Pirâng'las nós somos, etc.

Do vinho Supremo Ente,
É's a alegria da gente,
Como vós não há igual;
Deus da dança e da nabeira
Deus da farta borracheira,
Nosso deus Espiritual!

Dos Pirâng'las nós somos, etc.



Gemidos da nossa lira

(Trovas oferecidas ao nosso poético povo)

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferriños: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vae a festa... Clave de sol: tom menor...)

I

Os teus olhos, oh Maria,
'Té parecem dois faroes:
As pestanas que os cercam
São varas de guarda-soes!

II

Arrebita o xafariz,
Lava a agua o seu sabão,
Diga-me, minha menina:
—Quantos dedos tem na mão?

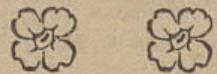
III

Anda a faneca no mar...
O S. Pedro anda no Ceu,
O moleiro anda co'o burro
E sem dinheiro ando eu!

IV

Ralha o pae e bufa a mãe,
Ladra o cão atraz da porta,
Quando a gente não 'stá viva,
Com certeza que está morta.

(CONTINUA).



Oh! musa!...

Manhã cristalina, limpida, serena.
O oriente, duma larga fita sanguinea, ia tomando uma côr de burro quando foge, até que os primeiros raios do sol brotaram e o astro rei, sorrindo com toda a pujança do seu esplendor teve a graça de me piscar o olho e, depois de oscular a terra, enternecida, nostálgica, ficou a rir muito devagarinho.

Os pardais chilreavam nos cedros e eucaliptos bem dizendo a aurora; os galos retiniam seus acordes marciais, imitando o saxofone dos Guises; as borboletas beijocavam-se no espaço, indo poisar de ramo em ramo, como um amigo meu de copo em copo; as abelhas cobriam-se de polen, adjando de flor em flor; a viração ondulava perfumando-se nos jardins e toda a natureza parecia embriagar-se, numa orgia divinal.

Só eu, de barriga para o ar, em cima da minha cama, ressonava como um porco...

Guimarães.

LUÍS TEIXEIRA JACINTO.

De volta

Sou o «Melro» cantador,
Que tanto dei que falar;
O povo criou-me amor,
Pedi-me p'ra cá voltar:
Graças ao meu fino humor,
Arrangei, p'ra viajar,
Até à linda Argentina,
Que me deu piada fina!

Cá estou, e, sem temer,
Constantemente a cantar,
A verdade hei-de dizer,
Custe lá o que custar...
E, sem ninguém ofender,
A todos hei-de atacar,
Com aquela graça fina,
Que eu aprendi na Argentina!

Eu por todos fui amado,
E por todos fui querido;
Era muito procurado
E não era menos lido;
Mas, agora, venho ousado,
Atrevido e decidido,
A dizer piada fina,
Que eu aprendi na Argentina!

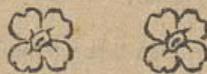
Sabem que fui refilão,
E sempre, sempre hei-de ser...
Dando grande beliscão,
A'quele que o merecer;
Se, porém, um malandrão,
Cá comigo se meter,
Digo-lhe a piada fina,
Que eu aprendi na Argentina!!!

Sóbras, Tum e Eduardinho,
Croix, Mário professor,
Quando me virem no ninho,
Hão-de se encher de terror;
Não tenha medo o povinho,
Que atacarei com ardor,
Dizendo piada fina,
Que eu aprendi na Argentina!

CAMÕES JÚN.OR

Impossiveis

- Os cães do Sobras falar.
- O Pereirinha endireitar as pernas.
- A Rosalina esquecer o Sampaio.
- O polícia n.º 10 fazer serviço.
- O Serra deixar de tomar quatro chavenas de chá todas as noites.
- Havar dinheiro nos nossos bolsos.
- O João deixar de chamar perna de toucinho a um presunto.
- O Pinto cortar a cabeleira.
- O monte da Penha não ter penêdos.
- Porem-se vidros novos na Marquise do Passeio da Independência.
- O D. Afonso deixar de desafiar o povo.
- Deixar de haver pulgas.
- Os carêcas terem cabelo.
- Que O Melro morresse.
- A voz do Tibério Beltrão deixasse de ser maviosa.
- O dr. Pérrri e seu ex.º irmão crescerem mais.
- As musicas de Guimarães deixarem de dar porrada uma na outra gaitosamente.
- O D. Afonso ir jantar á Penha.

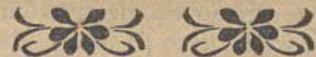


Museu Henriquino

- Os cães da R. da República.
- As tesouras do Aureliano.
- O boi da rua de D. João.
- A sineta de Santa Luzia.
- O vaso florista, do Rouquinho.
- O relógio de S. Dámaso.
- Os quatro novos instrumentos da música velha.
- O discurso do Sobras.
- As asneiras do Calixto.
- Os olhos do Sr. Cónego.
- O canhão da porta das armas do nosso quartel.
- Os canudos dos antigos Paços dos Duques de Bragança.

- A musa do Isaias.
- O preto de S. Dámaso com o seu respectivo serviço de café.
- Os calhaus de S. Paio.
- O hino dos pirângulas.
- As palmeiras do Tarau.
- O "P'ra cá vens de carrinho".
- As medalhas do Rei da Grécia.
- As barbas do cabo Tomás.
- O guarda-sol da Rua da Rainha.
- O polícia n.º 10.
- A casa n.º 113 dr Rua Egas Moniz;
- Os pratos da rua de Paio Galvão.
- A cordialidade do sr. Fonseca.
- A Lanterna do "Espião".
- A cabeleira do estudante Vasconcelos.
- Idem do Rolando.
- Idem do J. J. M. de S. Pinto.
- A vitrine da Sr.ª Aninhas.
- O nariz do Sr. Pireira.
- As luegas do Sôr Carôço.
- O Ford do Simão Ribeiro.
- Os sustos da luz electrica.
- O senhor dos Ovãos.
- O bastão dum regedor.
- Os jardineiros camarários.
- As edições da "Musa Vil".
- A mulher que bate num músico militar com 3 chineladas.

(CONTINUA).



Preço da assinatura

Trimeste, 12 centavos (120 reis); pelo correio aumenta 3 centavos (30 reis) para o porte e cobrança

Preços das publicações

Anúncios e comunicados, linha 4 centavos (40 reis); repetição, linha 2 centavos (20 reis); anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

SECÇÃO LITERÁRIA

Maria do Céu

(Cartas póstumas de Marcelo)

Maria do Céu! Maria do Céu! Que lindo nome; suave como um lírio. Trás-me à alma tudo que há de doce, puríssimo no mundo — pombas, violetas, rezas da infância e celestiais imagens. Quando digo o teu nome, meu amor, logo no meu peito se acende um altar. Tu és a Santa, cheia de flores, cheia de beleza: as minhas esperanças, as minhas ilusões, vão num coro ajoelhar com glicínias nos cabelos e nos olhos místicos. E ouço a voz dum órgão nunca ouvido, a música enervava-me e embala-me a alma numa nuvem de plumas e de suave incenso...

Maria do Céu! — Que lindo nome, que parece uma lágrima...

Oh! como eu sinto ao falar de ti, do teu nome, ao lembrar-me de ti, da tua graça — como eu sinto um extasi! Não é o terreno amor dos homens, é a comunhão de dois grandes sonhos, é toda a espiritualização do ser. É aquela elevação etérea dum asceta diante de Maria, com raízes no mundo e desabrochando no espaço... Não sei como explicá-la, não tenho palavras; todas elas são duras, velhas, toscas. Ah! se fosse um grande músico, talvez eu te exprimisse o que sentia.

Queria eter, queria alma, que eu pudesse diante de ti uma imagem, e tu me disseses — sinto todo o infinito da tua emoção. Por isso quantas vezes sou longo, pedante, retórico; e sou longo porque só vivo escrevendo e quereria passar a vida inteira a fazê-lo, já que não posso ver-te eternamente.

Pareço-me com uma criança, e ri-me e choro, e quando a vida me obriga a terminar estas cartas, sinto saudades que se abrem como estrelas no fundo crepuscular da minha alma... E que sinto que não vou todo o tempo certo que eu tinha vontade de mandar-te o meu coração inferno e intacto.

Ao tanger dos sinos

Tangem sinos, ao longe, alegremente...

Fico a escutar com peito perturbado

Será um casamento, um batizado

Que se celebra, assim festivamente?

Procuro adivinhar, mas de repente,

Vem nas azas do vento amotinado,

Um badalar mais forte, mais pesado,

D'algum sino mais próximo, tangente,

E como se uma voz dissesse aos sinos

Que todos juntos entoassem inos

Para ver quem ganhava o desafio...

TOCAM TODOS, BEM FORTES, EM TORNEIO.

E tudo isto porquê? — Porque o correio

Me trazia uma carta do meu tio!!!...

RABINA.

DUAS ÉPOCAS

Na corte requintada e florentina,
Que a princesa Maria rodeava,
Em que a pedante erudição latina
Ao soneto galante se casava;

Entre a formosa turba feminina
Quem torno do poeta se agrupava,
O suave perfil de Catarina
Deliciosamente destacava.

Nos olhos de Natércia ele bebia
Um poema d'amor e de beleza
Que em scintilantes versos traduzia.

E da Ribeira nos mares serenos
A fina flor da gente portuguesa
Aplaudia as estrofas de Camões.

Perdoa-me, Maria. Se me achas longo, é porque me não amas. E eu creia em ti, porque já te vi chorar diante do meu infortúnio; eu creio em ti, porque te vi olhar para as calúnias que me atiraram, como

Alegres madrigais da mocidade!
Torneios e saraus em que brilhou!
Existência feliz, que uma saudade
Na sentida elegia transformou.

Quando a morte, na dura crueldade,
De tudo quanto amava o separou,
Levantando-lhe 'n alma a tempestade,
Que em ondas d'peceia rebentou.

Foge-lhe assim a esperança em que vivia,
E comparando à própria dor sombria
De Pedro a legendária vivez.

Sentiu, na solidão do cativoiro,
As saudades brutais do Justiceiro
Ante o vulfo amantíssimo de Inês.

CONDE DE SABUGOSA.

para uma desprezível traição. Eu creio em ti porque és bela, eu creio em ti porque és santa, eu creio em ti porque te amo!

JULIO BRANDÃO.